

Deficiência Visual e Orientação em Sexualidade: Uma Experiência 2

Iza Pereira Bastos¹
 Andréa Gonçalves Arazona²
 Swaldo Martins Rodrigues Júnior³

ESUMO

BA... P.; ARAZ NA, A. G.; R DRIGU Jr., M.'Defici ncia visual e orientaço sexual. *R.B.S.H.I* (2): 1990.

Através do curso de orientação sexual de Adolescentes e do estágio em Psicologia excepcional do curso de formação de psicólogo, duas estagiárias, sob supervisão, procederam à orientação em sexualidade de um grupo de deficientes visuais (quatro mulheres e cinco homens), com idade variando entre 20 e 40 anos. A orientação ocorreu durante seis encontros com a duração total de 14 h, quando se discutiram assuntos ligados à sexualidade escolhidos pelo grupo, com a utilização de técnicas de relaxamento, exposição dialogada, *brain storming*, verbalização de sentimentos e modelos anatômicos de polietileno. Ao final dos encontros, os orientandos referiam unanimemente que se percebiam de modo diferente e que passaram a se utilizar do tato também para um autoconhecimento corporal, associando o afeto e os aspectos cognitivos relativos à sexualidade.

SUMMA Y

BAIRD, J. P.; ARAZNA, A. G.; RODRIGUEZ, Jr., J. M. Visual deficiency and sexual education. *R.B.S.H.* 1 (2): 1990.

1. Psicóloga formada pelas Faculdades São Marcos.
2. Psicóloga formada pelas Faculdades São Marcos.
3. Psicólogo, psicoterapeuta sexual do Instituto H. Ellis, Centro Multidisciplinar para o Diagnóstico e Tratamento em Sexualidade (P).

During faculty of psychology in a course of Sexual Education for Adolescents and the course of educational psychology, two students under supervision taught a course on sexual education to a group of nine visual deficient. The course lasted six meetings totalizing 14 hours and discussed dating, love and passion, sexual attraction and desire, intimacy, sexual fantasies, excitation, orgasm, sexual anatomy and physiology, sexually transmitted diseases, contraception, pregnancy and abortion. The subjects were dealt with the aid of dynamic group techniques. At the end the participants referred themselves feeling sexually better, using their tactile abilities to body recognition associating affection and cognitive knowledge on sexuality.

INTRODUÇÃO E HISTÓRICO

Com a criação, em 1975, do Núcleo de Psicologia Educacional nas Faculdades São Marcos devido à preocupação de integração universidade/comunidade, formando profissionais mais aptos a perceberem as necessidades do mundo de trabalho, a proporem ações que atendessem a problemáticas definidas, possibilitando refletir e reformular tais ações, foi criada uma equipe de professores e supervisores objetivando organizar a área de formação de Psicólogo Educacional. Após 11 anos de atividades, instalou-se o Centro de Atendimento em Psicologia Educacional (CAPE) no segundo semestre de 1986, oferecendo atendimento para a comunidade, inicialmente nas áreas de Dificuldades de Aprendizagem e Orientação Vocacional.

Em 1987, passa a integrar o CAPE uma outra atividade que vinha se desenvolvendo isoladamente, ligada a outra equipe de psicólogos, professores da mesma faculdade: Orientação Sexual de Adolescentes. A equipe formada de psicólogos clínicos vinha desenvolvendo, junto à cadeira de Teorias e Técnicas Psicoterápicas II (TTP II), um atendimento, desde 1985, em nome daquela faculdade, junto a uma escola estadual de primeiro grau por solicitação da direção daquela escola. As técnicas foram desenvolvidas de acordo com as necessidades de trabalho com adolescentes na orientação em sexualidade.

Após reformulações e reestruturações a partir da experiência da equipe de TTP II, propôs-se um curso para alunos da Faculdade de Psicologia. O curso, com duração de dois semestres, é aberto a alunos a partir do sétimo semestre da graduação em Psicologia. O primeiro semestre consta de grupos de alunos que recebem instruções sobre a sexualidade através da dinâmica de grupo, passando eles próprios pela orientação em sexualidade. O segundo

semestre é dirigido para o atendimento de grupos de adolescentes pelos alunos de Psicologia, sob supervisão, no mesmo modelo pelo qual passaram (Berenstein, Jaber e Silva, 1988; Rodrigues Jr., 1989; Silva et alii 1988a, b, c).

A formação de Psicólogo Educacional engloba um estágio supervisionado em Psicologia do Excepcional o qual deve ocorrer em uma instituição que atenda a alguma população com , algum tipo de excepcionalidade. Uma das instituições a ser contatada foi o Clube de Apoio ao Deficiente Visual (CADEVI). Durante o estágio supervisionado em Psicologia do Excepcional, fez-se contato com a psicóloga responsável pelo setor de Recursos Humanos, a quem se ofereceu o serviço de Orientação Sexual, o qual se percebeu útil para aquela instituição. Entre os deficientes visuais havia muita falta de informações sobre a sexualidade tanto quanto em outras populações (Pontes, s/d).

Porém, uma dificuldade de importância se fez presente às estagiárias: a deficiência visual. Haveria necessidade de modificações das técnicas utilizadas com os adolescentes, adaptando-as à deficiência visual.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL PROPOSTA

Através da psicóloga responsável pela área de Recursos Humanos do CADEVI, convidaram-se os deficientes visuais dos já existentes grupos alternativos, que tinham o objetivo de discutir temas variados, visando o desenvolvimento pessoal. Destes grupos formou-se outro. As estagiárias encontraram-se com este grupo formado por oito deficientes visuais inicialmente convidados, sendo que mais um acrescentou-se posteriormente ao grupo, com as seguintes deficiências visuais:

- Dois deficientes visuais “recuperados” (indivíduo que recuperou parcialmente a visão através de cirurgia);
- Dois deficientes visuais “adquiridos” (indivíduo que perdeu a capacidade visual após período anterior de normalidade);
- Cinco deficientes visuais “congenitos” (nascidos sem capacidade visual).

Os encontros ocorreram em uma sala do CADEVI, denominada, pelos participantes, de sala de reuniões.

A orientação em grupo proposta estava estruturada para seis encontros de duas horas cada. O primeiro encontro serviria para a apresentação e estabelecimento de regras de funcionamento do grupo e

exposição de objetivos. Os outros encontros objetivariam a discussão dos assuntos determinados pelo grupo, dentre os seguintes: anatomia a fisiologia sexuais masculina e feminina; fases da resposta sexual humana; puberdade e adolescência; namoro e jogos amorosos; doenças sexualmente transmissíveis; desvios e dificuldades sexuais; gravidez, parto e aborto; contracepção e ciclo menstrual.

A orientação deveria ocorrer em sala fechada, sem a participação de outros elementos externos ao grupo.

As técnicas deveriam ser adaptadas das experiências de orientação sexual de adolescentes já anteriormente utilizadas pelas estagiárias (Berenstein, Jaber e Silva, 1988; Rodrigues Jr., 1989).

RESULTADOS OBTIDOS NA ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS DEFICIENTES VISUAIS

A proposta de orientação sexual para deficientes visuais, que estava inicialmente estruturada em seis encontros semanais de duas horas, realizou-se em cinco, devido à suspensão de uma sessão, sendo que a última teve quatro horas de duração.

O grupo iniciou-se com oito participantes, ocorrendo quatro desistências (duas mulheres e dois homens), sendo que dois deficientes visuais possuíam moléstia congênita e dois deficientes visuais foram recuperados. A partir do segundo encontro programado, cinco participantes (duas mulheres e três homens) permaneceram até o final da orientação.

Ao primeiro encontro houve uma “cobrança” por parte do grupo de que as coordenadoras questionassem os participantes ao máximo, não permitindo que se escondessem uns atrás dos outros. Ao final da orientação, recuperou-se tal assunto no grupo, obtendo-se a resposta de que os participantes contribuíram efetivamente para o bom andamento das sessões e para a ampla discussão dos temas.

O segundo encontro teve como tema principal para discussão as fases da resposta sexual humana. Utilizou-se de relaxamento através de música clássica (Sandor, 1982) com o objetivo de ampliar a autopercepção corporal e mobilizar recursos pessoais para a participação efetiva na discussão do tema proposto. O grupo discutiu o namoro e as intimidades sexuais, as quais sentiram inexistentes em suas experiências. A fantasia sexual discutida foi percebida importante nesse processo, associada ao desejo, podendo causar frustração quando exacerbada em sua utilização. A intimidade expressa por carícias foi percebida como indutora da excitação sexual, cujas modificações corporais foram discutidas, além das preferências pessoais

e da necessidade de comunicação de tais preferências junto ao parceiro. Creditou-se necessidade de envolvimento físico e emocional quando do ápice da excitação sexual (fase de platô), culminando com o orgasmo e posterior relaxamento.

O terceiro encontro conduziu à discussão específica do namoro, utilizando-se para aquecimento do grupo a técnica de *brain storming* (Fontes, 1975). Diferenciou-se amor e paixão pela maior intensidade e curta duração deste último sentimento. Afirmou-se a importância da atração sexual nos deficientes visuais congênitos através do tato, audição, olfato e identidade de interesses. Para os deficientes visuais adquiridos em fase adulta apareceu a necessidade de complementação de informações sobre a aparência visual da pessoa pela qual se interessassem.

O quarto encontro teve a atividade dirigida para a exploração tátil de dois modelos anatômicos de polietileno dos genitais masculino e feminino, oferecendo as formas externas e internas dos órgãos envolvidos nas funções reprodutiva e sexual. Feitas as explanações de anatomia e fisiologia, o grupo levantou dúvidas sobre a vasectomia, ligadura de trompas, relações entre menstruação e aleitamento, gravidez tubária e tempo de vida dos espermatozoides.

O quinto encontro iniciou-se com discussões sobre métodos contraceptivos (vantagens e desvantagens) e a responsabilidade do casal na escolha o uso de métodos apropriados e os preconceitos envolvidos. Apresentou-se também as principais doenças sexualmente transmissíveis, causas e efeitos, sem que houvesse grande interesse por parte do grupo.

O sexto encontro, com duração dobrada, teve discussão conduzida através da exposição dialogada sobre a gravidez (modificações corporais), parto (tipos, complicações em adolescentes, importância da presença do pai) e aborto (responsabilidades, implicações legais, influências religiosas, prática no Brasil). A finalização foi feita com a avaliação dos encontros, da metodologia e do desenvolvimento emocional de cada participante. O encontro foi finalizado com a aplicação de uma técnica de relaxamento a pedido do grupo para autopercepção da integração das vivências e cognições (Stevens, 1971).

No decorrer das sessões, os participantes apresentaram crescente envolvimento nas explanações e nas discussões surgidas, demonstrando uma disponibilidade pessoal cada vez maior para tratar do assunto sexualidade, com naturalidade e respeito pelo outro. Referiram poder ter tido oportunidade para refletir sobre a sexualidade geral e pessoal, aprimorando conceitos pouco elaborados anteriormente, verbalizando satisfação pela postura das orientadoras, devido

ao clima de permissividade proporcionado e à abordagem natural dos temas discutidos e apresentados com seriedade e respeito aos integrantes do grupo. Os integrantes referiam respeito às próprias limitações, conseguindo maturidade e entrosamento para o funcionamento do grupo.

Os temas propostos ao grupo não foram discutidos exaustivamente, visto que a estrutura da orientação não se propunha a tanto, mas sim a ampliar o campo informativo em relação à sexualidade humana e proporcionar um espaço onde as crenças, valores e atitudes pudessem ser discutidos e orientados no sentido da saúde física e mental.

CONCLUSÕES DA EXPERIÊNCIA

Concluimos que a orientação sexual para deficientes visuais foi uma experiência muito importante tanto para nós, coordenadoras, quanto para os deficientes visuais. Estes nos pareceram, em alguns momentos, muito diferentes dos “normais”. Quando aprofundamos nosso contato com eles pudemos perceber que, em qualquer sentido, somos muito parecidos, cada um com suas “deficiências” específicas, umas mais explícitas, outras menos.

Em termos de sexualidade, um fator muito marcante que observamos é a questão do preconceito quanto à deficiência da visão, o que pôde ser várias vezes discutido, esclarecendo, assim, alguns pontos desta questão para todos os envolvidos na discussão.

Considerou-se por parte das orientadoras que foi uma experiência inovadora na comunidade, ampliando o campo de trabalho, além de trazer novos questionamentos sobre a sexualidade humana e as “deficiências” humanas.

O objetivo foi atingido, pois, de acordo com as observações, os participantes terminaram a orientação tendo esclarecido pensamentos obscuros e dúvidas, e adquirido novas informações sobre sexualidade, além de, principalmente, referirem o desenvolvimento de posturas práticas sobre o envolvimento sexual em suas circunstâncias específicas de deficiência.

Agradecimentos à psicóloga responsável pelo Setor de Recursos Humanos do Clube de Apoio ao Deficiente Visual (São Paulo, SP); à direção da Escola Estadual Francisco Assis Reis (São Paulo, SP) pelo empréstimo dos modelos anatômicos em polietileno e às Faculdades São Marcos na pessoa de sua diretora Leila Caran Costa Corrêa por possibilitar a implantação do curso de Orientação em Sexualidade de Adolescentes o qual tem funcionado gratuitamente para os alunos e ex-alunos daquela Faculdade desde 1987.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERENSTEIN, J.; JABER, L.; SILVA, A. C. Orientação sexual com adolescentes: uma experiência. *Marco* 5: 73-82, 1988.
2. FONTES, L. B. *Manual de Treinamento na Empresa Moderna*. Ed. Atlas, 1975.
3. PONTES, W. B. B. Problemas advindos da não Educação Sexual. In: Matarazo, M. H. (coord.). *Anais do I Congresso Nacional sobre Educação Sexual nas Escolas*. São Paulo, Lemos Brito, s/ data.
4. RODRIGUES Jr., O. M. Propuesta de formación de orientadores en sexualidad en facultades de psicología. *Revista Latino-Americana de Sexología* 4(2): 211-21, 1989.
5. SANDOR, P. *Técnicas de Relaxamento*. São Paulo, Vetor Ed. Psico-Pedagógica, 1982.
6. SILVA, A. C.; GALIARDI, M.; RODRIGUES Jr., O. M.; COLTRO, C.; ARAÚJO, L.; SANO, S. Orientação sexual com adolescentes. *Marco* 5: 62-72, 1988a.
7. _____. Estágio supervisionado de alunos de Psicologia em orientação sexual de adolescentes. *Ciência e Cultura* 40(7) *suplemento*: 930, 1988b.
8. _____. Orientação sexual com adolescentes. *Ciência e Cultura* 40(7) *suplemento*: 955, 1988c.
9. STEVENS, J. O. *Tornar-se Presente. Vol. 1*. São Paulo, Summus Ed., 1971.